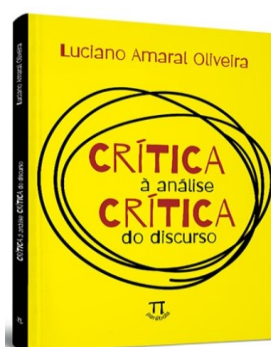


Crítica à análise crítica do discurso

Manoel Lázaro da Silva Alves¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/CAPES)
professorlazaroalves@gmail.com

Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa²
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
maria.vanice@professor.ufcg.edu.br

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Crítica à análise crítica do discurso**. 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2023, Coleção Linguagens, 136p.



O livro *Crítica à análise crítica do discurso*, de Luciano Amaral Oliveira, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), apresenta-se como uma obra basilar e atual no campo dos estudos linguísticos. As abordagens do autor objetivam contribuir para ampliação do conhecimento de leitores a respeito de uma das áreas que têm gerado conflitos teóricos e inconsistências de ordem metodológica, nas últimas décadas: a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), que foi estabelecida como ciência autônoma, a partir de 1989, através da obra *Language and Power*, do linguista Norman Fairclough. A versão que utilizamos para esta resenha é publicada pela Parábola Editorial, em 2023, Coleção: Linguagem, 136 páginas, ISBN: 978-85-7934-307-0, uma edição direcionada a estudantes de

¹ Mestrando em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Doutora em Linguística e Professora do Magistério Superior da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Letras/Linguística, bem como a professores e, também, demais interessados nos assuntos que envolvem uma perspectiva operacional e crítica da língua. A obra é dividida em 3 capítulos, além da introdução e da conclusão, assim intitulados: “1. (In)definição de discurso: a fetichização de um conceito”, “2. O emblemático termo ‘crítica’”, “3. Três questões metodológicas incontornáveis”. Esses capítulos são subdivididos em tópicos que evidenciam uma preocupação do autor em fazer uma abordagem sistematizada, de forma clara, precisa e sequencial acerca do que propõe cada eixo de abordagem.

No capítulo 1, o autor aponta as inconsistências advindas da teoria: desde o objeto de estudo às metodologias para análise. Para anto, o autor reconhece que, ao assumir esse papel, é crucial buscar conhecer a visão de outros teóricos que se dedicam a fazer pesquisas em ACD para explicar o seu próprio posicionamento. Em sua atuação como professor, ele foi percebendo que os caminhos teórico-metodológicos para compreender os postulados da presente teoria não estavam claros. Fato este que, conseqüentemente, coloca o termo “discurso” de forma bastante vaga e generalizada, a ponto de suscitar confusão com outras áreas, a exemplo da Linguística de Texto. Nesta direção, lança o questionamento: “[...] um conceito teórico, como discurso, precisa ser definido de maneira clara e precisa?” (p. 19) e, no decorrer do capítulo, ele vai defendendo que é de extrema necessidade definirem-se conceitos teóricos, de forma objetiva. Assim, além de trazer o conceito de discurso na perspectiva de Fairclough, baseia-se em outros autores, a exemplo de Van Dijk, no intento de demonstrar que os conceitos construídos – sobre a concepção de discurso – ainda se encontram de forma inconsistente e, talvez, sem uma maneira eficiente de operacionalização. Ainda nesta primeira parte, Oliveira traz, à guisa de reflexão, o cuidado que os estudiosos da área de Letras precisam ter ao trabalhar com “discurso”. Para isso, ele chama a atenção para não reduzir a teoria em simplismos e nem a aplicar em contextos que são fora de

cogitação. Por exemplo, ele critica o fato de existir uma sobreposição de conceitos inerentes a ACD, fator este que se torna preocupante.

Há momentos em que, segundo leituras que o professor fez de outros autores, o termo “discurso” se confunde com “texto”, e, inclusive, com “gêneros textuais”. Nesse limiar de discussão, aprendemos com Oliveira que conceber “discurso” como “prática social” ou como o “uso da língua falada ou escrita”, definições advindas dos estudos de Fairclough (1996), tornou-se uma adoção rotineira e que precisamos explorar outras perspectivas. Nas palavras dele: “[...] considerar discurso como um elemento das práticas sociais também não contribui muito, a não ser no sentido de reforçar sua natureza interacional, dialógica” (p. 34), e mais, à frente, complementa que se trata de “[...] uma definição vaga, demasiadamente alargada, pois, vale lembrar, todo uso da língua – obviamente, sempre uma prática social – pode ser chamado de discurso a partir dessa definição” (p. 34).

A primeira parte do livro vai sendo encerrada com os apontamentos que Oliveira faz acerca dos estudos de Van Dijk, exemplificando de modo bastante didático (assim como fez com os escritos de Fairclough) as lacunas e inconsistências que este outro autor deixou em algumas de suas publicações, evidenciando as citações seguidas de seu próprio ponto de vista, discordando e tecendo argumentos plausíveis ao que tem sido posto. Esta preocupação de Oliveira, antes de transportar o leitor para o 2º capítulo, gira em torno do fato de que uma coisa é tratar “discurso” do ponto de vista conceitual; outra, é tratar como fenômeno. Assim, ao sugerir que o “discurso” seja concebido através de uma natureza operacional, significa pensar em como esse conceito pode ser usado/aplicado clara e precisamente nas áreas das Ciências Humanas.

O capítulo 2 é destinado a discutir sobre a posição de alguns autores referente às possibilidades de minimizar os impactos advindos das desigualdades sociais. Ou seja, Oliveira questiona a ambição da teoria em desejar solucionar as mais diversas problemáticas

sociais mediante a análise crítica de textos. No decorrer do capítulo, questiona-se como isso seria possível, uma vez que são muitas variáveis envolvidas em uma sociedade. No cenário brasileiro apontado pelo autor, é alarmante o caso de violência contra a população LGBTQIAPN+, como também ainda existem alguns casos análogos à escravidão divulgados pela mídia. Assim, ele critica a visão utópica de alguns estudiosos, ao defenderem a ideia de que a ACD poderia abarcar questões complexas, tendo em vista que se torna necessário o diálogo com estudiosos de outros campos para que se torne exequível um planejamento mais claro, menos “utópico” e de cunho operacional, de fato.

Ainda nesse capítulo, Oliveira cita alguns exemplos de como seria a construção de projeto de intervenção, na perspectiva de estudiosos como Kress, Fairclough e Van Dijk. Para Kress, seria pertinente a criação de um projeto pedagógico focado na formação de profissionais e na reelaboração dos currículos das instituições, por estar a ACD na base dessa formulação. Já para Kress, em parceria com Fairclough, seria necessário o estabelecimento de uma agenda política diretamente ligada aos assuntos da sociedade. A crítica feita por Oliveira, nesta parte, converge para o fato de que não se trata de um objetivo simples, pois nos deparamos com profissionais (professores, por exemplo) e alguns políticos que possuem um pensamento tradicionalista e radical; fator este que causaria empecilhos na construção de uma sociedade integralizada e mais emancipadora.

Vale destacar, ainda, a crítica que o autor direciona à segregação criada pela ACD. Ele discute a postura de muitos teóricos acreditarem que somente eles seriam capazes de desvendar os sentidos ocultos dos textos e desconsiderarem o público leigo que não tivera oportunidade de aprender as possibilidades de analisar criticamente um texto. Para Oliveira, esta não é uma postura adequada para a academia. Cabe aos pesquisadores da área de Letras/Linguística reavaliarem essas questões. Por fim, o autor traz excertos de textos de Fairclough e Chouliaraki, demonstrando a vagueza de interpretação, evidenciando que não

é oportuno focar em aspectos pontuais dos textos apenas; mas, sim, estabelecer conexões mais profundas e sistemáticas.

O 3º capítulo traz à baila da discussão a ACD, apresentando-a como teoria e método ao mesmo tempo, cuja posição é defendida, principalmente por Fairclough (2001). Na ótica de Van Dijk, existe um mal entendimento nesse parâmetro. Conforme exposto, a preocupação de Oliveira gira, novamente, em torno da falta de clareza que ainda existe nas discussões sobre a referida teoria. Nesses sentido, é salutar a ampliação de alguns termos como *contexto*, *interdisciplinaridade* e *etnografia* dentro desse campo de estudos críticos. Por assim dizer, esses três aspectos necessitam de um plano de fundo mais operacional e que sustentem a legitimidade das análises propostas. Novamente, o fato de não existir, até o presente momento, um conceito claro entre os estudiosos sobre o que se entende por “discurso”, torna-se desafiador para proceder com outros tipos de trabalhos.

No último capítulo, o autor retoma os principais pontos destacados nos capítulos anteriores enfatizando os seguintes aspectos: 1. O conceito de discurso; 2. O conceito de interdisciplinaridade (a necessidade do diálogo recíproco da ACD com as demais áreas que tomem como foco a língua/gem); 3. O contexto e o aporte etnográfico na ACD (torna-se relevante a participação dos sujeitos nas pesquisas, não limitando as análises a uma perspectiva bibliográfica apenas); 4. A agenda emancipadora (realizar parcerias e criar grupos de discussão com estudiosos que se filiam a outras correntes linguísticas); 5. A tendenciosidade (ter o cuidado com a ousadia em explorar os fenômenos linguísticos, pois tudo requer delimitação); e 5. O respeito pelos não analistas do discurso.

Em virtude do que discorremos, a presente obra é recomendável, uma vez que as discussões advindas sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso têm muito a contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas que tomem como alvo a língua em uma dimensão operacional, conforme defendido pelo autor.